

O Papel da Família e da Escola na Intervenção Comportamental aplicada no Contexto da Educação Especial

Nivea Regina Marsura

Priscila Benitez

Kate Kumada

Camila Domeniconi

RESUMO

Essa pesquisa de revisão de literatura questionou sobre o papel da família, da escola e da equipe multiprofissional em intervenções com crianças e jovens com autismo e/ou deficiência intelectual (DI), à luz do conceito de metacontingência. Mais especificamente, o objetivo identificar as condições de envolvimento e impacto na aprendizagem da criança com autismo e/ou deficiência intelectual em seu processo escolar inclusivo. A revisão foi realizada em cinco bancos de dados, por palavras-chave: autismo e intervenção comportamental, autismo e Análise Aplicada do Comportamento (ABA), deficiência intelectual e ABA, deficiência intelectual e intervenção comportamental. A busca recuperou 54 estudos, das quais 26 foram selecionados. A análise dos resultados descreveu os objetivos de ensino e das relações estabelecidas entre instituição escolar e família, em diádias (intervenção-família e intervenção-escola) e triade (intervenção-família-escola). Os estudos mostraram maior ênfase na avaliação de desenvolvimento de crianças com autismo em relação à família ou às demandas oriundas do ambiente escolar. Recomenda-se avaliar a viabilidade de uso de instrumentos que entrelacem os três contextos (escola na classe comum, intervenção em contraturno e família), para estabelecer planejamentos de ensino mais colaborativos, favorecer a aprendizagem da criança e qualidade de vida da família e das professoras.

Palavras-chave: educação especial, escola, família

ABSTRACT

The Role of Family and School in Behavioral Intervention Applied in the Context of Special Education

The present literature review focused on the role of family, school, and multidisciplinary team along interventions with children and adolescents with autism and/or intellectual disability (ID), using the concept of metacontingency. More specifically, the objective was to identify conditions of involvement and the impact on children with autism and/or intellectual disability's learning throughout their school's inclusion process. The review was conducted across five databases using the following keywords: autism and behavioral intervention, autism and applied behavior analysis (ABA), intellectual disability and ABA, intellectual disability and behavioral intervention. The search retrieved 54 studies, from which 26 publications were selected. Result analysis consisted of describing teaching objectives and the relationships between school and the family, in dyads (intervention-family and intervention-school) and a triad (intervention-family-school). The studies showed a greater emphasis on evaluating the development of children with autism, in relation to the family or demands from the school environment. It is recommended to evaluate the feasibility of using instruments related to the interconnection of the three contexts (regular class school, after-school intervention, and family), for establishing more collaborative teaching plans, favoring children's learning and the quality of life of the family and teachers.

Keywords: special education, school, family

Sobre os Autores

N. R. M.
orcid.org/0000-0003-2002-3034
Universidade Federal do ABC
(UFABC) - São Bernardo do Campo, SP
nivearmarsura@gmail.com

P. B.
orcid.org/0000-0003-3501-7606
Universidade Federal do ABC
(UFABC) - São Bernardo do Campo, SP
benitez.priscila@gmail.com

K. K.
orcid.org/0000-0002-5278-9782
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - São Carlos, SP
kate.pedagogia@gmail.com

C. D.
orcid.org/0000-0003-0486-3543
Universidade Federal do ABC
(UFABC) - São Carlos, SP
domeniconicamila@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



A educação especial é uma modalidade de ensino escolar transversal, prevista em documento normativo brasileiro (Brasil, 2008). Esta assegura os direitos de todas as pessoas a frequentarem a educação no ensino regular e sua permanência na instituição para garantir condições de aprendizado no ambiente escolar. Assim, a educação especial constitui-se como campo do saber interdisciplinar que envolve as áreas da educação, saúde e assistência social (Pavezi et al., 2021). O acesso à matrícula de estudantes com deficiência, transtorno do espectro do autismo e altas habilidades/superdotação têm aumentado a cada ano nas escolas regulares. Com destaque para estudantes com deficiência intelectual (51,8%) e autismo (24,3%), os quais apresentam maior número de matrículas, segundo os Indicadores Nacionais do Inep (2022).

Com a matrícula em escola regular, discute-se sobre os serviços de apoios necessários para garantia da equidade educacional de tal público-alvo. Contudo, notam-se desafios relacionados às estratégias para a permanência estudantil, no sentido de garantir serviços especializados baseados em evidências e formação profissional adequada para implementação e avaliação de tais serviços. Práticas baseadas em evidências no contexto da educação especial e fundamentadas na perspectiva comportamental (Freitas et al., 2022) orientam o uso de estratégias implementadas a partir de planejamentos que contemplam os agentes que estão envolvidos no processo de escolarização do estudante com deficiência e autismo. Para que dessa forma seja possível consolidar o serviço educacional especializado, tendo como ênfase a perspectiva transversal da educação especial enquanto modalidade de ensino.

Assim, a intervenção comportamental pode ser implementada com função de atendimento educacional especializado (AEE) e/ou como apoio ao processo de escolarização de estudantes com autismo e/ou deficiência intelectual em contraturno escolar. Isso significa que o profissional da educação especial pode ter sua prática fundamentada em princípios teóricos da análise do comportamento e, mais especificamente, da programação de ensino; a qual pode contribuir em sua atuação profissional no AEE. Em tal proposta, considera-se o progresso individual e as demandas de aprendizagem centradas no estudante por meio de um planejamento educacional individualizado (PEI); o qual deve contar com o devido suporte de profissionais da saúde, educação e assistência social e para implementar a consultoria colaborativa em parceria com a família (Benitez & Domeniconi, 2016).

Cia e Rodrigues (2013), por sua vez, destacaram que a participação da família é de grande importância, por exemplo: no preenchimento da ficha de anamnese para identificar as necessidades específicas da criança, nas atividades realizadas com ela, em como está sendo o desenvolvimento da mesma, e em como a família em casa pode contribuir no

processo evolutivo da criança. Segundo as autoras, a participação da família não ocorre exatamente dessa forma: muitas famílias após a anamnese e a primeira reunião participam pouco da vida escolar da criança e, muitas vezes, o contato com o professor da sala de recursos multifuncionais (SRM) se dá por bilhetes ou intermédio da professora da sala comum. Portanto, a comunidade escolar precisa conhecer quem são as crianças com deficiência, para então melhor entender a relevância do processo.

O estudo de Benitez et al. (2020) teve como objetivo descrever um estudo de caso no qual houve envolvimento de uma equipe multidisciplinar (psicólogos, pedagoga, terapeuta ocupacional e fonoaudióloga) com formações diferentes, mas com amplo conhecimento em Análise Aplicada do Comportamento (ABA) por parte de todos; o que permitiu a viabilidade da programação conjunta dos currículos, partindo das prioridades de ensino da criança envolvida no estudo. Para além da estruturação do currículo, houve a formação dos pais da criança participante para que eles tivessem engajamento na aplicação das atividades e envolvimento nas tomadas de decisão nos planejamentos; estabelecendo assim práticas de contingências entrelaçadas.

O estudo de Silva et al. (2021) reforça a importância de envolver os pais em atividades diárias de estimulação, utilizando aplicativos e dispositivos que facilitem a aplicação de intervenções comportamentais baseadas em evidências e ressaltando que a formação e suporte contínuos para os pais podem aumentar a eficácia durante o processo de aprendizagem.

Mediante os dados do estudo de Benitez et al. (2020), Cia e Rodrigues (2013) e Silva et al. (2021) foi possível chegar às seguintes conclusões: a) é importante garantir condições para o envolvimento familiar, b) há necessidade de comunicação entre os professores de sala comum e da sala de recursos para melhor aprimoramento de atividades das crianças com deficiência, c) é relevante a escola na totalidade saber e conhecer quem são seus alunos com deficiência, para que se tenha conhecimento do caminho da educação inclusiva.

O estudo do envolvimento da família no processo educacional de estudante com transtorno do espectro autista (TEA) e/ou deficiência intelectual (DI) pode ser considerada uma prática cultural (Benitez et al., 2020) que envolve uma série de contingências entrelaçadas (Glenn, 1988). Nesse caso, é necessário refletir sobre como a equipe escolar (direção, coordenação e professoras) cria estratégias de envolvimento da família e com qual finalidade; como a família se engaja em tais estratégias e qual o impacto desse envolvimento familiar na aprendizagem de comportamentos específicos pelas crianças e jovens com DI e/ou TEA.

Segundo Glenn (1988), metacontingências são relações contingentes entre práticas culturais e suas consequências. Ela consiste em contingências individuais interligadas,

entrelaçadas, em que todas juntas produzem um mesmo resultado (produto agregado). O comportamento da pessoa envolvida no processo educacional é mantido por contingências individuais, que quando somadas produzem uma prática cultural (Glenn, 1988) que pode favorecer o processo inclusivo das crianças e jovens. As contingências somadas e entrelaçadas produzem o produto agregado, o qual é mantido como um comportamento selecionado pela cultura. O estudo da inclusão educacional tendo como base a fundamentação teórica da metacontingência permite descrever e analisar o comportamento de cada agente educacional (incluindo o próprio estudante) e o seu papel no produto agregado (Todorov & Moreira, 2004).

Assim, dentre as intervenções baseadas em evidências no contexto da educação especial, destaca-se a intervenção comportamental aplicada com crianças e jovens com TEA e/ou DI (Gomes et al., 2019; Higbee et al., 2016). É importante ressaltar que a intervenção comportamental intensiva e não intensiva produzem efeitos distintos de aprendizagem.

A literatura aponta, com bastante consistência, que intervenções não intensivas não são suficientes para promover melhorias significativas e em várias áreas do desenvolvimento de pessoas com autismo (Medavarapu et al., 2019). No estudo de Gomes et al. (2022) foi realizado uma intervenção com dois grupos: G1 – grupo de crianças que receberam ao menos dez programações de ensino – e G2 – grupo composto por crianças realizaram menos de dez programações de ensino. O quantitativo recebido por G1 correspondeu a mais de um terço do currículo proposto (intervenção intensiva), o que explica o fato de G2 não ter apresentado diferença significativa na análise dos pré e pós-testes. Outra possibilidade é considerar que a melhora na pontuação do desenvolvimento observada no G1 pode ter sido decorrente da maturação das crianças, visto que o passar dos meses pode ter provocado ganhos no desenvolvimento delas. Contudo, isso é pouco provável, pois, se assim fosse, teríamos resultados semelhantes para G1 e G2.

Ao pensar nas condições normativas nas áreas de saúde, educação e assistência social sobre a carga horária de intervenção em território nacional disponível pelo estado é fundamental recorrer às estratégias que garantam outros multiplicadores, tais como a implicação ativa da família no processo educacional. Uma forma de garantir uma agenda de intervenção mais intensiva pode ser por meio da atuação da família, visando um modelo triádico da intervenção terapêutica psicológica fundamentada na análise do comportamento (Silvares, 1995). A parceria entre clínica especializada (em contraturno escolar e com função de atendimento complementar ao processo de escolarização), escola e família pode resultar em uma prática cultural que

obtém mudanças de comportamento nas crianças e/ou jovens com DI e/ou TEA.

O estudo das contingências entrelaçadas para a efetiva aplicação da intervenção comportamental mais intensiva, no Brasil, é o que se pretende investigar no presente artigo. Assim, ao propor o estudo da equipe multiprofissional oriunda de clínica especializada, família e escola, avança a investigação das contingências entrelaçadas propostas em Benitez et al. (2020). O qual descreve contingências mantidas pela família e pela equipe interdisciplinar (no caso, atuantes na clínica especializada) para garantir a aprendizagem de comportamentos específicos com a criança com TEA. Diante disso e considerando a intervenção comportamental como uma prática baseada em evidências no contexto da educação especial (Freitas et al., 2022), questiona-se qual o papel da família, da escola e da equipe multiprofissional neste processo? Quais os produtos agregados gerados a partir deste entrelaçamento?

Neste contexto, a revisão sistemática proposta teve como objetivo verificar se estudos que implementaram a intervenção comportamental envolveram a família e a escola e, em caso positivo, identificar quais foram as condições de envolvimento e impacto na aprendizagem da criança com autismo e/ou deficiência intelectual. Outro ponto foi verificar quais instrumentos têm sido utilizados nas pesquisas para estudar o envolvimento entre família e escola, assim como fluxos de trabalho e procedimentos metodológicos estabelecidos para a intervenção comportamental.

MÉTODO

Para iniciar o processo pesquisa por artigos que contemplassem o tema de interesse deste trabalho, foi realizada uma revisão sistemática tendo como fonte de dados a literatura (Linde & Willich, 2003) recuperada em banco de dados; por meio do sistema de palavra-chave. O protocolo do PRISMA foi utilizado para definição dos passos do fluxo de coleta com a aplicação dos critérios de inclusão dos estudos, bem como para orientar a análise qualitativa dos dados.

Em fevereiro de 2022 foi realizada uma consulta a cinco repositórios on-line, sendo eles: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Web of Science*, Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e *American Psychological Association* (PsycINFO). Para as buscas foram utilizadas as mesmas palavras-chave nas bases de dados, sendo elas: autismo e intervenção comportamental, autismo e ABA, deficiência intelectual e ABA e deficiência intelectual e intervenção comportamental.

A Tabela 1 se refere a primeira busca nos repositórios com as palavras-chave. Desta forma, houve o retorno de 54 textos nos repositórios; em seguida foi realizada uma leitura nos resumos dos textos encontrados, sendo selecionados

somente os textos em acordo com o tema de interesse da pesquisadora e que haviam sido publicados após o ano de 2011. Assim, foi possível utilizar para a discussão deste artigo o total de 26 textos acadêmicos.

Tabela 1. Número de Textos Publicados Relacionado a Busca de Textos Acadêmicos em Repositórios Científicos

PePSIC	BTDT	PsycINFO	SciELO	Web Of Science
Autismo e análise aplicada do comportamento (ABA) 2	Autismo e ABA 10	Autismo e ABA 2	Autismo e ABA 10	Autismo e ABA 10
Autismo e Intervenção Comportamental 0	Autismo e Intervenção Comportamental 7	Autismo e Intervenção Comportamental 0	Autismo e Intervenção Comportamental 9	Autismo e Intervenção Comportamental 2
Deficiência Intelectual e ABA 0				
Deficiência Intelectual e Intervenção Comportamental 0	Deficiência Intelectual e Intervenção Comportamental 2	Deficiência Intelectual e Intervenção Comportamental 0	Deficiência Intelectual e Intervenção Comportamental 0	Deficiência Intelectual e Intervenção Comportamental 0
Total de produções				54

Fonte: Elaborada pelas autoras (2022)

Os resultados das buscas foram variados entre os repositórios. Foram realizadas buscas com as palavras-chave na língua portuguesa: autismo e intervenção comportamental, autismo e ABA, deficiência intelectual e ABA, e deficiência intelectual e intervenção comportamental. O primeiro repositório a ser consultado foi a PePSIC, no qual foram encontrados 2 artigos sobre autismo e ABA e nenhum sobre os demais termos. O segundo repositório de consulta foi a BTDT, que apresentou: 10 produções para autismo e ABA, 7 textos para autismo e intervenção comportamental e 2 para deficiência intelectual e intervenção comportamental. O terceiro repositório foi a PsycINFO, em que se registraram 2 estudos sobre autismo e ABA, mas não se apresentaram resultados para os outros descriptores. Em SciELO, identificaram-se 10 artigos sobre autismo e ABA e 9 sobre autismo e intervenção comportamental. A Web of Science revelou 10 resultados para autismo e ABA e 2 para autismo e intervenção comportamental. Em nenhuma das bases foram encontrados estudos sobre deficiência intelectual e ABA.

Houve o retorno de 54 textos nos repositórios, dentre os quais dois textos com duplicações, um texto em língua inglesa, e um de Portugal; indicando uma busca abrangente e criteriosa. Em seguida foi realizada uma leitura nos resumos dos textos encontrados para aplicar os critérios de inclusão.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos textos completos consideraram o período de publicação a partir de 2011, tendo uma delimitação temporal baseada na

relevância de obter estudos contemporâneos que considerassem a implementação da legislação de estudantes com TEA. Para Finfgeld-Connet (2014), a análise de conteúdo em revisões sistemáticas deve ser minuciosa, evitando uma complexidade com redundância e garantindo assim a seleção de dados para serem analisados. Assim, foram incluídos apenas estudos publicados entre 2011 e 2022.

Com base nos critérios estabelecidos, 26 textos acadêmicos foram selecionados para leitura na íntegra. Estes textos foram escolhidos não apenas pelo período de publicação, mas também por evidenciarem o objetivo da pesquisa: verificar se os estudos que implementaram a intervenção comportamental envolveram a família e a escola, com foco na relevância e na qualidade dos estudos selecionados.

ANÁLISE DE DADOS

Foram estabelecidas três categorias para análise dos dados, com base no produto agregado gerado pelas contingências entrelaçadas entre as diádes (intervenção comportamental e escola, intervenção comportamental e família) e a tríade (intervenção, escola e família). Sendo elas: a) estudos que envolvessem a intervenção comportamental e família, b) estudos envolvendo intervenção comportamental e escola, c) estudos que contemplassem o objetivo deste estudo que é a intervenção comportamental com a participação da família e escola.

RESULTADOS

A análise dos textos encontrados envolvendo a intervenção comportamental e escola identificaram a presença de *applied behavior analysis* (ABA), *design-based research* (DBR), *treatment and education of autistic and related communication handicapped children* (TEACCH), Sistema de Avaliação Comportamental de Habilidades Sociais (SECHS), Escala de Inteligência Wechsler e Inventário de Comportamento Autístico (ABC), como instrumentos para avaliar crianças diagnosticadas com autismo e outras deficiências, matriculadas na escola regular. Os estudos apresentaram, em sua maioria, mais de uma fase de desenvolvimento: primeira avaliação, proposta/intervenção, reavaliação de análise do desenvolvimento obtido durante os encontros sugeridos para aplicação do instrumento escolhido pelo pesquisador.

A Figura 1 representa a quantidade de textos publicados por ano, contendo a relação das buscas referentes à intervenção e escola, à intervenção e família, e à tríade intervenção, família e escola. A Tabela 2 traz com detalhes os estudos dos textos, com nome dos autores, ano, intervenção utilizada (procedimento adotado), e se houve ou não instrumento para avaliação.

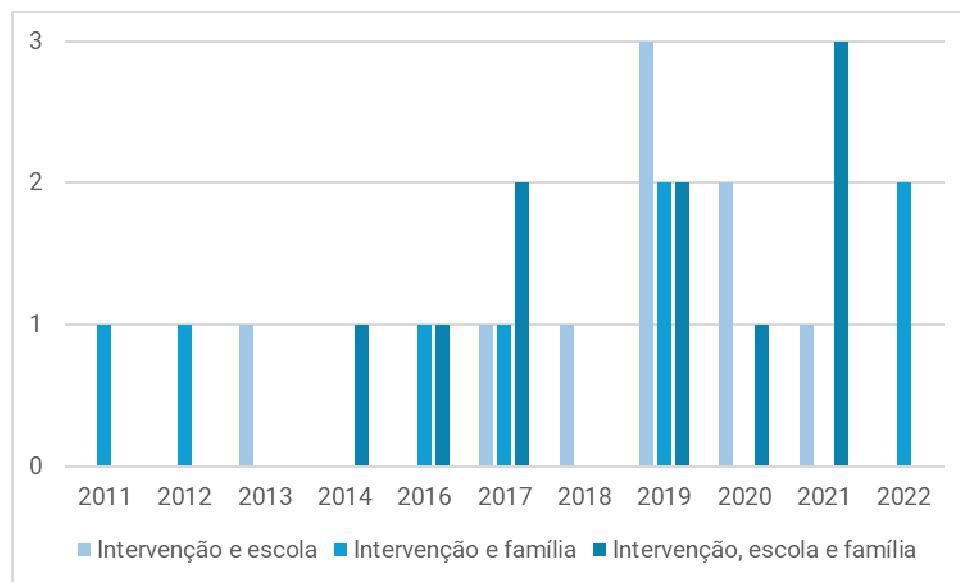
A Tabela 3 apresenta textos sobre a relação intervenção e família, além de apontar alguns instrumentos utilizados no estudo. Como na Tabela 2, relata outros: Questionários de Comportamentos Típicos na Perturbação do Espectro do

Autismo (QCT- PEA), Escala de Avaliação de Empatia (EAE), *Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program* (VB-MAPP), programa de orientações sobre comunicação para cuidadores (POCC), comunicação ativa e ampliada (CAA), *picture exchange communication system* (PECS). Estes materiais já são mais direcionados para o trabalho das habilidades sociais de pessoas com TEA. Nos estudos encontrados na Tabela 2 os pesquisadores realizaram comparações no desenvolvimento de crianças que tiveram intervenção comportamental mais intensiva no seio familiar, proporcionando aos envolvidos da pesquisa um ambiente mais acolhedor.

A tabela 4 faz uma junção das Tabelas 2 e 3, trabalhando com a relação intervenção comportamental, família e escola. Remete à questão das relações contingentes que buscamos dentro da educação especial. Os textos integrantes da Tabela 4 são estudos que visaram desenvolver tanto questões cognitivas (de aprendizado), quanto habilidades sociais envolvendo a família e escolas em suas propostas de intervenções. Esse entrelaçamento é fundamental para a inclusão, visto que todos buscam pelo mesmo objetivo de educação, baseado nos direitos e necessidades da pessoa com deficiência.

Pode-se presenciar novos instrumentos de avaliação nessa tabela: Inventário Portage Operacionalizado (IPO), *Psychoeducational Profile-Revised* (PEP-R), *Childhood Autism Rating Scale* (CARS), WHOQOL-Bref, World-Safe CORE e o Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM).

Figura 1. Gráfico com a quantidade de textos publicados em repositórios por ano e por categoria



Fonte: Elaborada pelas autoras (2022)

Tabela 2. Características dos Estudos de Intervenção e Escola

Autores/ano	Intervenção	Instrumentos
Khoury (2013)	Os professores melhoraram qualitativamente os conhecimentos sobre transtorno do espectro autista (TEA), e passaram a utilizar mais estratégias adequadas ao manejo comportamental destes escolares em sala de aula.	Escala de Inteligência Wechsler, Inventário de Comportamento Autístico (ABC) e Behavior Problems Inventory (BPI-01)
Pereira et al. (2017)	Analise qualitativa dos dados obtidos nas queixas iniciais e na observação da pesquisadora comparadas aos repertórios adquiridos e aprimorados dos participantes ao final da pesquisa.	Não houve instrumento
Asnis (2018)	Promover habilidades musicais referentes ao ritmo, ao pulso, ao movimento melódico, ao reconhecimento e manejo de instrumentos de percussão, entre outros; com crianças diagnosticadas com o TEA, com uso de procedimentos da análise do comportamento aplicada (ABA).	Formulário de Habilidades Sociais, Comportamentos Problemáticos e Competência Acadêmica (SSRS-BR)
Ramalho & Sarmento (2019)	Analisou os efeitos da LEGO Terapia em intervenções para desenvolver habilidades sociais e engajamentos em atividades educacionais de robótica, em grupos de crianças e jovens com TEA.	Não houve instrumento
Alves et al. (2019)	Evidenciou o processo metodológico de criação e o protagonismo das crianças na construção e soluções para jogos interativos dentro da sala regular de ensino.	design-based research (DBR)
Santos (2019)	Verificou o papel do avatar digital na interação entre a criança autista e o psicopedagogo, por meio do uso tecnologias da informação e comunicação (TICs) no processo de aprendizagem e interação social entre a criança com TEA e o psicopedagogo.	Sistema de Avaliação Comportamental da Habilidade Social (SACHS)
Martins (2020)	Realizou adaptações nas atividades pedagógicas previamente enviadas pelas professoras da sala regular, inserindo as estratégias da ABA; e as professoras da sala regular ficaram encarregadas pela aplicação destas estratégias posteriormente, para observar e avaliar as adaptações realizadas nas atividades.	Não houve instrumento
Silva et al. (2020)	Elaborou um ambiente digital denominado como mTEA para aplicação de programas de ensino por tentativas discretas, fundamentados na perspectiva comportamental; e avaliou o uso do mTEA em relação à elaboração e à aplicação das atividades por duas profissionais com estudantes com TEA.	Não houve instrumento
Alves & Hostins (2021)	Auxiliou a apropriação das crianças sobre conceitos acerca de jogos digitais e seus componentes, a percepção do processo de criação de jogos, a complexidade inerente à construção de tecnologias e o olhar crítico das crianças relativos aos jogos e seu uso.	DBR

Fonte: Elaborada pelas autoras (2022)

DISCUSSÃO

Como objetivo, este estudo realizou uma revisão sistemática da literatura e verificou o envolvimento da família e da escola nos estudos prévios, recuperados com a revisão sistemática da literatura. O estudo buscou identificar quais instrumentos foram utilizados nas pesquisas para estudar o envolvimento entre família e escola, assim como fluxos de trabalho e procedimentos metodológicos estabelecidos para a intervenção comportamental.

Apesar dos estudos não terem utilizado o referencial teórico da metacontingência para compreender o entrelaçamento entre a equipe, a família e a escola; e discutir sobre os produtos agregados gerados com base na somatória das contingências individuais, foi feita uma análise entre envolvimento das diádicas (intervenção-família e intervenção-escola) e da tríade (intervenção-família-escola). A análise do impacto do entrelaçamento, seja pela diáde ou tríade, foi avaliada como positiva nos estudos Silva et al. (2021), Benitez et al., (2014; 2020) e Macedo et al. (2016) em relação à aprendizagem da criança com autismo e/ou deficiência intelectual em seu processo escolar inclusivo. Os

produtos agregados identificados nos estudos foram: promoção do desenvolvimento infantil da criança com autismo, em relação ao entrelaçamento entre intervenção-família e apoios/estratégias de ensino para uso em classe comum e no caso do entrelaçamento intervenção-escola.

Tabela 3. Características dos estudos de intervenção e família

Autores/ano	Intervenção	Instrumentos
Tamanaha et al. (2011)	Avaliou o processo evolutivo da criança autista em contexto de intervenção direta e indireta (em grupos divididos), a partir das respostas das mães ao Autism Behavior Checklist (ABC/ICA); e no acompanhamento e o engajamento da família como passos fundamentais na intervenção terapêutica fonoaudiológica.	ABC/ICA
Santo (2012)	Descreveu o comportamento de duas (uma verbal e outra não verbal) crianças com transtorno do espectro autista (TEA) em contexto de aulas de música (percussão): foi realizada a análise antes e depois da aula, evidenciando resultados com respostas emitidas de modo mais funcional em iniciar interações com adultos, e diminuição do comportamento repetitivo e estereotipado no curso das aulas.	Programa de orientações sobre comunicação para cuidadores (POCC) – TEA e <i>treatment and education of autistic and related communication handicapped children</i> (TEACCH)
Silva (2016)	Verificou evidências empíricas de eficácia de um programa psicoeducativo parental para manejo de dificuldades comportamentais dos filhos com TEA. Resultando em adesão ao programa e satisfação nas possibilidades de uso da orientação no cotidiano, verificando evidências positivas nos padrões comportamentais e saúde mental das crianças e de seus cuidadores.	Inventário de Estilo Parental (IEP), <i>The Behavior Problems Inventory</i> (BPI-01), WHOQOL – bref, Escala ABC.
Gomes et al. (2017)	Avaliou os efeitos do primeiro ano de intervenção comportamental intensiva no desenvolvimento de 9 crianças com autismo: foi realizada na residência dos participantes por meio da capacitação dos cuidadores. As crianças foram avaliadas pelo Perfil Socioeducacional Revisado (PEP-R) e pelo Inventário Portage Operacionalizado (IPO), no início e ao término da intervenção. Os resultados indicaram ganhos no desenvolvimento de todas as crianças, embora em graus variados.	PEP-R e IPO
Gomes et al. (2019)	O estudo avaliou os efeitos da intervenção comportamental intensiva, realizada por meio da capacitação de cuidadores no desenvolvimento de crianças com autismo. A pesquisa foi realizada a partir dos dados de crianças atendidas por um centro brasileiro especializado. Os participantes foram divididos em dois grupos, o Grupo 1 eram 22 crianças que finalizaram o primeiro ano de intervenção intensiva. Onze crianças que não fizeram a intervenção intensiva compuseram o Grupo 2, para fins de análise de dados. Os resultados indicaram ganhos significativos em todas as áreas do desenvolvimento das crianças com autismo que passaram pelo primeiro ano de intervenção comportamental intensiva, enquanto as crianças do grupo controle apresentaram ganhos menos expressivos.	IPO, <i>Childhood Autism Rating Scale</i> (CARS) e PEP-R
Manzini et al. (2019)	Analisou os efeitos da aplicação condensada das três primeiras fases do picture exchange communication system (PECS) na emergência de novas respostas de troca de figuras no transtorno do espectro do autismo em contexto natural, após a implementação do ensino/intervenção. Apesar de algumas ajudas físicas parciais e/ou totais, a criança conseguiu realizar a troca de figuras: proporcionaram para a criança e seus parceiros de comunicação aprendizagem efetiva sobre o uso da comunicação alternativa.	PECS
Brígido et al. (2022)	Estudou as relações entre os comportamentos típicos da perturbação do espectro do autismo (PEA), funções executivas (FE) e empatia; de forma a estabelecer orientações de intervenção. Os resultados mostraram que a intervenção deve abranger não apenas os sintomas da PEA, mas também processos cognitivos subjacentes que possibilitam a melhoria dos comportamentos e uma maior adaptação a diferentes contextos e situações.	Questionário dos Comportamentos Típicos da PEA, Inventário Comportamental de Avaliação das Funções Executivas – País (BRIEF-P) e Escala de Avaliação da Empatia

Fonte: Elaborada pelas autoras (2022)

No estudo realizado por Khoury (2013) envolvendo intervenção-escola participaram cinco alunos com TEA, com

idade entre 6 e 10 anos, matriculados no fundamental I do ensino regular. Foram selecionados, juntamente com seus

respectivos professores, para participar de uma intervenção que contou com três fases que visava aprimorar o manejo comportamental desses alunos. Foram utilizados instrumentos (Escala de inteligência de Wechsler para crianças, Inventário de Problemas Comportamentais - BP01, e Inventário ABC) para avaliação inicial de repertório (Fase 1). No procedimento de intervenção houve um treinamento intensivo para os professores que incluía: tanto sessões teóricas quanto práticas sobre as características do TEA; estratégias de ensino individualizado e de modificação de comportamento, como reforço positivo, modelagem; e ensino em pequenos passos, onde ocorreu a intervenção de fato (Fase 2).

Após o treinamento os professores aplicaram essas técnicas em sala de aula, sendo monitorados e recebendo feedback contínuo para o estudo assegurar a fidelidade na implementação das estratégias. A intervenção foi avaliada periodicamente para medir a redução de comportamentos problemáticos e o aumento de comportamentos apropriados e habilidades acadêmicas nos alunos; sendo assim realizada a análise dos dados pós-intervenção (Fase 3) como mostra da viabilidade de orientação a professores no contexto de sala de aula. A escola teve como compromisso, um papel ativo com a melhoria das práticas educacionais inclusivas.

Em relação à intervenção-família, no estudo de Gomes et al. (2019) foi implementada uma intervenção comportamental intensiva (ICI), focada na orientação de cuidadores de crianças com TEA. A intervenção consistiu em um programa que incluiu sessões, orientações didáticas e práticas para realizar o ensino das habilidades embasadas nos currículos de habilidades básicas; e o ensino de autocuidados foi guiado pelos cuidadores junto de suas crianças. Participaram do estudo 32 crianças (onde foram separadas em dois grupos – G1: 22 crianças que realizaram um ano de ICI, passando por avaliações com os instrumentos IPO, PEP-R e CARS, e o G2: era composto por 11 crianças, sendo estas famílias desistentes do programa ou que não realizaram os registros como solicitados pelos profissionais), seguindo as diretrizes sistemáticas que eram direcionadas pelos profissionais especializados.

Tais orientações continham a preparação do ambiente e dos materiais, assim como a forma de apresentar esses materiais e instruções. Incluindo as respostas ativas das crianças, a aplicação de consequências identificadas como potencialmente reforçadoras, e os critérios para finalizar cada tarefa ou programa. As intervenções ocorreram duas vezes na semana com duração de uma hora no domicílio das crianças participantes, ressaltando concomitante a realização da capacitação de seus respectivos cuidadores. Estes também realizavam os registros em protocolos específicos: o procedimento, uso de reforçadores, programas específicos e a data em que foram feitos.

Com essa sistematização de intervenção, o estudo evidenciou que os integrantes do G1 alcançaram resultados de ganhos positivos após a reavaliação, sobretudo nos instrumentos IPO e PEP-R em todas as áreas, e do G2 nas áreas de percepção motora e autocuidados. Isso ocorreu por realizarem as orientações dos profissionais envolvidos na pesquisa, trabalhando conjuntamente com os cuidadores em tomadas de decisões durante os desenvolvimentos das habilidades propostas no programa de ensino.

No estudo de Benitez et al. (2020) que envolve a tríade (intervenção – família – escola), foi realizada uma intervenção de cinco fases, colaborativa entre família e escola, para aprimorar o desenvolvimento de crianças com TEA utilizando ABA. Primeiro foi feita a seleção de participantes de crianças diagnosticadas com TEA e o envolvimento de seus cuidadores e professores; os quais participaram de um programa de capacitação abrangendo técnicas de reforço positivo, análise funcional do comportamento e estratégias de ensino estruturado.

Sendo realizado a avaliação de repertório de entrada, com uso de dois instrumentos – VB-MAPP e IPO (Fase 1). Posteriormente houve reuniões para análise de dados das avaliações e assim cada criança recebeu um plano de intervenção personalizado, desenvolvido por uma equipe multidisciplinar (Fase 2). As intervenções foram aplicadas tanto no ambiente doméstico pelos cuidadores quanto no ambiente escolar pelos professores (Fase 3), com monitoramento e suporte contínuos ofertados pela equipe de pesquisa, formação de pais (Fase 4), e realização de reuniões periódicas para fazer os ajustes colaborativos nos planos de intervenção (Fase 5). Desse modo, foi possível obter resultados de ganhos significativos nas habilidades de comunicação e sociais das crianças, redução de comportamentos desafiadores e maior independência em tarefas de vida diária.

Os cuidadores e professores relataram desenvolver maior confiança e habilidade no manejo dos comportamentos das crianças, com observações de melhor engajamento e participação nas atividades escolares. O estudo de Benitez et al. (2020) evidenciou a eficácia de uma abordagem multidisciplinar e colaborativa. E destacou a importância de suporte contínuo e planos de intervenção personalizados para promover o desenvolvimento de crianças com TEA por meio do entrelaçamento das contingências entre intervenção, família e escola. Os estudos de Khoury (2013), Gomes et al. (2019) e Benitez et al. (2020) evidenciam a importância da colaboração entre família, escola e intervenções especializadas no desenvolvimento de crianças com TEA. A família tem um papel fundamental ao aplicar técnicas de manejo comportamental em casa, seguindo orientações fornecidas por profissionais para conjuntamente alinhar objetivos de ensino. Podem ser realizados e aplicados em domicílio, e fornece informações sobre a criança/jovem para

que possa se personalizar ainda mais os planejamentos de ensino. Desse modo fortalecendo sua confiança e habilidade em lidar com comportamentos desafiadores, refletindo em melhorias na comunicação e no comportamento das crianças (Gomes et al., 2019). A integração dessas intervenções

baseadas na ABA nas rotinas diárias facilita o desenvolvimento contínuo e a aplicação prática das habilidades adquiridas em contextos reais (Benitez et al., 2020). O envolvimento ativo das famílias cria um ambiente doméstico mais engajado e propício ao aprendizado.

Tabela 4. Características dos estudos de intervenção, família e escola

Autores/ano	Intervenção	Instrumentos
Benitez & Domeniconi et al. (2014)	Avaliar uma capacitação destinada aos professores da sala de aula regular, professores da educação especial e pais; de modo a criar condições que vislumbrassem o ensino compartilhado de leitura e escrita para alunos com deficiência intelectual e autismo, incluídos na escola regular.	Não houve instrumento
Macêdo et al. (2016)	Avaliou os efeitos de uma experiência de aprendizagem mediada de uma professora, no quarto ano do ensino fundamental, com uma criança com autismo. Teve aumento da mediação pela professora e avanço no desempenho acadêmico e social da criança.	Childhood Autism Rating Scale (CARS) e Escala Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM)
Geraldo et al. (2017)	Identificou associações entre os excessos comportamentais de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento e a saúde mental e qualidade de sua família.	WHOQOL-Bref e World-Safe CORE para as práticas parentais
Oliveira et al. (2017)	Realizou a aplicação de sondagens múltiplas entre programas de ensino com alternância entre tratamentos (aplicação pela família e aplicação por profissionais em formação).	Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program (VB-MAPP)
Andalécio et al. (2019)	A intervenção ocorreu por 40 horas semanais em ambiente domiciliar e escolar, ao longo de cinco anos consecutivos. Utilizou instrumentos padronizados para medir o desenvolvimento da criança. Os resultados gerais indicaram ganhos no desenvolvimento da criança e a viabilidade da capacitação dos cuidadores para esse tipo de intervenção.	Inventário Portage Operacionalizado (IPO), Psychoeducational Profile-Revised (PEP-R) e CARS
Manoni et al. (2019)	Analisou retrospectivamente os efeitos de uma intervenção não intensiva (1 hora e 30 minutos a 3 horas semanais) aplicada por uma equipe interdisciplinar a 4 crianças diagnosticadas com transtorno do espectro autista (TEA). Foram analisadas as seguintes etapas: pré-testes para avaliar o repertório de entrada das crianças; intervenção aplicada por profissionais durante no máximo 22 meses e dois pós-testes realizados durante e após o período da intervenção. Os resultados sugerem que a efetividade da intervenção não intensiva foi facilitada pela abordagem interdisciplinar baseada nos princípios da Análise Aplicada do Comportamento (ABA).	VB-MAPP
Benitez et al. (2020)	A intervenção foi aplicada com uma criança com TEA. O procedimento envolveu cinco fases: avaliação do repertório da criança com TEA, reunião interdisciplinar, aplicação do currículo, formação dos pais e novamente reunião interdisciplinar. Os resultados apresentam os dados de avaliação da criança com TEA, a organização do currículo e uma análise do estudo de caso, a partir do entrelaçamento de contingências comportamentais.	IPO e VB-MAPP
Schipper & Vestena (2021)	Investigou-se a dimensão cognitiva e moral anterior e posterior à aplicação do programa de intervenção por meio de provas operatórias piagetianas e apresentação de narrativas de histórias morais embasadas em Piaget para observar o raciocínio e as argumentações dos alunos. A intervenção promoveu o desenvolvimento operatório de cinco dos seis pesquisados, ao ponto de que saíssem da irreversibilidade e conseguissem realizar algumas abstrações e generalizações.	Não houve instrumento
Rodrigues & Gonçalves (2021)	Analisou a eficácia do programa computadorizado de alfabetização de abordagem fonovisuoarticulatória em três estudantes com deficiência intelectual de 12 e 13 anos, não alfabetizados que frequentavam uma escola especial.	Não houve instrumento
Silva et al. (2021)	Avaliou o comportamento dos pais como aplicadores das atividades de ensino (condição A), delineadas na análise do comportamento; assim como o progresso de seus filhos (condição B) em suas residências e o uso de recursos digitais como mediadores da intervenção comportamental.	VB-MAPP, IPO, CARS, programa ACT

Fonte: Elaborada pelas autoras (2022)

Em relação à escola, esta é um ambiente que deve sempre propiciar práticas pedagógicas inclusivas visando a formação do professor e assim um ambiente de aprendizagem adaptado às necessidades de cada estudante (Khoury, 2013). A colaboração entre professores e equipe multiprofissional permite a integração de estratégias personalizadas em atividades educativas; e o monitoramento regular dos avanços dos estudantes para conforme a demanda ajustar continuamente as estratégias de ensino (Benitez et al., 2020).

O entrelaçamento entre família, escola e profissionais que atuam com uma intervenção especializada são essenciais para alcançar resultados mais positivos, pois cada qual desempenhando sua contingência visam o mesmo objetivo quanto ao desenvolvimento e evolução do estudante. Outro ponto foi verificar quais instrumentos têm sido utilizados nas pesquisas para estudar o envolvimento entre família e escola, assim como fluxos de trabalho e procedimentos metodológicos estabelecidos para a intervenção comportamental.

Os dados da Tabela 4 agruparam os estudos que, de alguma maneira, entrelaçaram as contingências de ensino estabelecidas pela equipe, família e profissionais da escola. Tais estudos utilizaram intervenções com finalidades específicas para ensino de habilidades. Por exemplo, o estudo de Schipper et al. (2021) avaliou o desenvolvimento moral, por meio de respeito mútuo, cooperação, competitividade, com uso de estratégias de jogos, dinâmicas, músicas e dramatizações. Em quatro estudos, Benitez et al. (2014), Mâcedo et al. (2016) Andalécio et al. (2019) e Benitez et al. (2020), as famílias receberam instruções da equipe para aplicar os estudos em domicílio.

Discute-se sobre o comportamento da equipe que criou ocasião para orientar à família para aplicação dos objetivos de ensino da intervenção em suas residências, com seus filhos. Tais orientações poderiam ser mais detalhadas em estudos futuros, com o propósito de avaliar o produto agregado gerado pela parceria entre equipe e família.

Nas intervenções em que denotaram um ensino específico, como, por exemplo, em música houve como interesse o ensino de utilização de instrumento musical acompanhado de um ritmo pré-estabelecido pelo pesquisador, fundamentado na ABA. Asnis (2018) pontuou que realizou um estudo original, pois verificou durante sua pesquisa uma escassez na literatura que contempla o ensino de habilidades rítmicas para crianças com TEA. Utilizaram-se procedimentos da ABA, uma vez que as crianças com autismo reconheceram o ensino de repertório do ritmo apresentado e reproduziram no instrumento musical.

Segundo o estudo de caso com uma criança com autismo de Benitez et al. (2020), o procedimento para realização da investigação do caso foi feito de modo detalhado e contemplou passos importantes: reuniões interdisciplinares,

avaliação do repertório da criança com TEA, estruturação de currículo; e orientação familiar para realização da intervenção comportamental, considerando o envolvimento da família e dos profissionais para com a criança com TEA.

Torna-se importante discutir o papel da equipe multidisciplinar e interdisciplinar nesse contexto, em estudos futuros: no sentido de refletir sobre as contingências individuais de cada profissional que integram a equipe; em um formato multidisciplinar; e quando tais contingências estão entrelaçadas, de maneira colaborativa tomando decisões conjuntamente e em uma perspectiva interdisciplinar. Por exemplo, ao considerar os elevados níveis de ansiedade e estresse das famílias com filhos com autismo e com base em estudo prévio (Wahdan et al., 2023), o modelo interdisciplinar em relação ao multidisciplinar poderia favorecer maior redução de tais fatores?

Andalécio et al. (2019) e Benitez et al. (2020) ressaltam a importância do envolvimento de familiares nas intervenções comportamentais em contraturno escolar, por viabilizar a continuidade dos programas de ensino para outros ambientes. Qualificar as interações entre a diáde (família-criança/jovem) pode favorecer a aquisição de novas habilidades, bem como fortalecer aquelas já presentes no repertório da criança/jovem.

Benitez e Domeniconi (2014), por sua vez, discutiram sobre a formação de professoras da educação especial e sala comum no trabalho em conjunto às famílias: visando a proposição de estratégias inclusivas; tendo o papel de cada um delineado a fim de viabilizar um desenvolvimento contínuo; e pensando no ensino com maiores possibilidades de estratégias de ensino que possam ser úteis em contextos diversificados para o alunado. Dessa forma podendo aumentar e fortalecer as parcerias e colaboração entre os docentes do ensino comum e da educação especial.

Rodrigues e Gonçalves (2021) apontam em seu estudo a utilização de intervenções por meio de aplicação de procedimentos de leitura e escrita, com avaliações e testes usando um delineamento de linha de base múltipla no processo de alfabetização de adolescentes com deficiência intelectual. Os resultados desses procedimentos denotaram avanços após tais intervenções e remeteram à importância ressaltada no estudo de Benitez et al. (2020) e Mâcedo e Nunes (2016) sobre desenvolver a pesquisa em passos mais descritos e completos. Visando uma participação e envolvimento de todos que fazem parte do cotidiano e desempenho da criança com TEA/DI: tratar de questões desde conhecer a caracterização dessa criança, quem são seus cuidadores, se faz acompanhamento terapêutico fonoaudiologia, terapia ocupacional, acompanhamento médico, se toma medicação, conhecer a metodologia da escola em que frequenta, os professores, se há capacitação para estes, conhecimento de políticas públicas que concernem os direitos da pessoa com deficiência. Para

assim, de fato, poder traçar estratégias inclusivas consolidadas, mantendo o entrelaçamento intervenção/família/escola.

Quanto aos estudos de Mâcedo et al. (2016), Geraldo et al. (2017), Andalécio et al. (2019), Manoni et al. (2019) e Schipper et al. (2021), voltados ao desenvolvimento de habilidades (fala/escrita/comunicação/socialização), foram utilizados comumente os instrumentos: VB-MAPP, IPO, PEP-R, CARS, WHOQOL-Bref, World-Safe CORE e o EAM. A aplicação destes instrumentos, geralmente, era realizada como medida de pré e pós-intervenção pela pesquisadora. Com o intuito de avaliar o desenvolvimento dos indivíduos participantes e a partir dos dados obtidos eram realizadas propostas de ensino, para que fossem trabalhados entre a equipe multiprofissional.

Com a busca de estudos que analisaram a diáde entre intervenção e família, todos os estudos utilizaram instrumentos (Tabela 3); sendo boa parte específicos para avaliar o repertório da criança com autismo. Os estudos recuperados na diáde (intervenção e escola), todos também utilizaram instrumentos (Tabela 2) com ênfase no desenvolvimento da criança com autismo. De maneira geral, recomenda-se que estudos futuros relacionem as satisfações da família aos apoios caracterizados nos repertórios comportamentais das crianças com autismo; bem como estudos que apoiem os professores a tomarem decisões conjuntas entre as demandas da intervenção, em contraturno escolar com fins de atendimento educacional especializado (AEE) e de classe comum.

Em relação aos instrumentos utilizados nos 10 estudos que envolveram a intervenção, a família e a escola (Tabela 4), nenhum deles avaliaram o entrelaçamento da tríade: 1 avaliou a qualidade de vida da família (Geraldo et al., 2017), outro da mediação da professora na classe comum (Macedo & Nunes, 2016), e um da criança (Andalécio et al., 2019).

Recomenda-se que estudos futuros avaliem a viabilidade de uso de instrumentos relacionados ao entrelaçamento dos três contextos, a fim de estabelecer planejamentos de ensino mais colaborativos e favorecer a aprendizagem, via produto agregado.

Os estudos realizados por Benitez et al. (2014), Macêdo et al. (2016), Geraldo et al. (2017), Oliveira et al. (2017), Pereira et al. (2017), Andalécio et al. (2019), Manoni et al. (2019), Schipper et al. (2021), Benitez et al. (2020), e Silva et al. (2021) empregaram uma variedade de tecnologias sociais em suas abordagens de pesquisa. Desde métodos mais tradicionais (como entrevistas e questionários) até técnicas mais contemporâneas (como análise de redes sociais, crowdsourcing e plataformas online de colaboração).

Esses estudos exploraram uma gama diversificada de ferramentas para investigar fenômenos sociais e comportamentais; viabilizando a participação de escola,

família, cuidadores, crianças/jovens com autismo, professores e equipe multiprofissional. Esse aumento na utilização de tecnologias sociais nos estudos mencionados e o envolvimento dos participantes refletem a importância de utilizar em pesquisas abordagens multidisciplinares e inovadoras na compreensão dos complexos aspectos da interação social e o desenvolvimento de aprendizagens.

Dessa forma, é possível delinear algumas limitações do presente estudo e sugestões para estudos futuros. No fluxo de análise de dados não foi realizado no estudo um cálculo para avaliar o acordo de juízes: é recomendando que estudos futuros realizem esse tipo de análise. Na categoria intervenção e escola, poderia ser averiguado sobre a concepção de educação especial da escola e de seus professores acerca dos direitos das pessoas com DI e autismo, de modo que estes forneçam apoios necessários para promoção da aprendizagem.

Na categoria intervenção e família, recomenda-se que seja conduzida uma análise mais profunda sobre como o estudo conceitua envolvimento e participação da família, visto que em alguns estudos, Santo (2012) e Mazini et al. (2019), foi considerado o desenvolvimento familiar em respostas de questionários e participação específica em reuniões.

Na categoria intervenção, família e escola poderia ser estudado sobre como as contingências são entrelaçadas entre família, intervenção e escola; conforme trabalhadas no cotidiano: como ocorre a comunicação e a tomada de decisão acerca do planejamento de ensino relacionado à intervenção comportamental, em contraturno escolar. E, mais especificamente, relacionar quais são os produtos agregados gerados pelas contingências individuais entrelaçadas para garantir a promoção da aprendizagem da criança ou jovem com DI e/ou autismo. Assim, compreender o papel de cada segmento social (equipe multiprofissional, família e escola), por meio da descrição das contingências entrelaçadas; bem como sistematizar a função de ensino das intervenções para favorecer a aquisição, manutenção e generalização da aprendizagem de habilidades pelas crianças e jovens com DI e/ou autismo.

Por fim, a proposta pretendeu gerar ocasião para além do envolvimento das famílias na intervenção comportamental, como também gerou reflexão sobre a formação do profissional da educação da sala comum, que assume um papel fundamental no desenvolvimento pedagógico de toda a turma.

CONCLUSÃO

Estes instrumentos (VB-MAPP, IPO, PEP-R, CARS, WHOQOL-Bref, World-Safe CORE e o EAM), são utilizados com a intenção de obter e avaliar dados do desenvolvimento da criança; dando respaldo a quem aplica e podendo identificar competências que foram medidas na realização de cada

estudo, dentre eles, repertório de fala, escrita, interações sociais, identificar habilidades já desenvolvidas e quais precisam ser ensinadas diretamente. Esses instrumentos e delineamentos de linha de base múltipla auxiliam nas intervenções para cada caso, como ABA, e em práticas que podem dar o suporte necessário e individualizado; atrelando a práticas educacionais que viabilizem o desempenho, com respeito à faixa etária e desenvolvimento singular de cada criança.

O estudo evidenciou: a relação entre instrumentos utilizados em cada intervenção entre família e escola; o papel de profissional especializado na condução da intervenção comportamental; e o potencial papel na consultoria colaborativa como prestação de serviço educacional especializado, na perspectiva inclusiva.

Com base na literatura prévia realizada no presente estudo, foi possível concluir que as implementações de intervenção comportamental envolvendo a colaboração efetiva entre família e escola tem grande eficácia no desenvolvimento de crianças com TEA e/ou deficiência intelectual. Quando ocorre a oferta de capacitação mais robusta de cuidadores e formação para professores baseada na ABA, com o entrelaçamento de uma colaboração contínua e monitorada de modo regular, resulta-se em progressos significativos nas habilidades de comunicação, sociais e de autocuidado das crianças. As condições de envolvimento, que incluíram a integração de orientação nas rotinas diárias e o suporte constante da equipe de profissionais especializados, são relevantes para o sucesso da intervenção. O impacto na aprendizagem é perceptível, com a redução de comportamentos desafiadores e aumento do engajamento e participação nas atividades escolares e domiciliares. Esses avanços resultam em um ambiente escolar mais inclusivo e fomentam o desenvolvimento integral dos estudantes, com destaque na importância de uma abordagem colaborativa e funcional entre família e escola.

CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

N.M e P.B. contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do artigo; P.B e K.K foram responsáveis pela busca de referências; N.M. fez a redação inicial do artigo (rascunho), metodologia desenvolvida por N.M e P.B, supervisão de coleta dos dados e sua tabulação no manuscrito por N.M, P.B e K.K., validação final por N.M, P.B e K.K e N.M., P.B. e K.K. são os responsáveis pela redação final (revisão e edição).

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem a Universidade Federal do ABC pelo espaço de aprendizagem e orientação, e aos grupos de estudos GPEEI - Grupo de Pesquisa em Educação Especial Inclusiva da UFABC e o Grupo Surdos e Libras (SueLi) da UFABC, pela troca de conhecimento e informação para construção do que chamamos de Educação Inclusiva.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

DECLARAÇÃO DE FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada parcialmente pela bolsa de mestrado da primeira autora (Bolsa de Mestrado da UFABC).

REFERÊNCIAS

- Andalécio, A. C. G. S. A. M., Gomes, C. G. S., Silveira, A. D., Oliveira, I. M., & Castro, R. C. (2019). Efeitos de 5 anos de intervenção comportamental intensiva no desenvolvimento de uma criança com autismo. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 25(3), 389–402. <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000300003>
- Asnis, V. P. (2018). *Habilidades rítmicas para crianças com autismo com procedimentos da análise do comportamento aplicada*. [Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional da UFSCAR. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9861>
- Benitez, P., & Domeniconi, C. (2014). Capacitação de agentes educacionais: Proposta de desenvolvimento de estratégias inclusivas. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 20(3), 371–386. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000300005>
- Benitez, P., & Domeniconi, C. (2016). Consultoria colaborativa: Estratégias para o ensino de leitura e escrita. *Psicologia: teoria e prática*, 18(3), 141-155. <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v18n3p141-155>
- Benitez, P., Albuquerque, I., Manoni, N. V., Ribeiro, A. F., & Bondioli, R. M. (2020). Centro de aprendizagem e desenvolvimento: Estudo de caso interdisciplinar em aba. *Psicologia: teoria e prática*, 22(1), 351-367. <https://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v22n1p351-367>
- Cia, F., & Rodrigues, R. K. G. (2013, Novembro 05-07). As relações do professor de salas de recursos multifuncionais pré-escolar: A escola, o professor da classe comum e as instituições especializadas. Em *VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial*, Londrina. <https://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/paginas/arquivos/anais/2013/AT14-2013/AT14-018.pdf>

- Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. (2008, 17 de setembro). Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial. http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC%206.571-2008?OpenDocument
- Finfgeld-Connett, D. (2014). Use of content analysis to conduct knowledge-building and theory-generating qualitative systematic reviews. *Qualitative Research*, 14(3), 341-352. <https://doi.org/10.1177/1468794113481790>
- Freitas, M. C. de, Benitez, P., & Postalli, L. M. M. (2022). Contribuições da análise do comportamento para a inclusão educacional brasileira. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 13(1), 197-212. <https://doi.org/10.18761/DH010.jul21>
- Glenn, S. S. (1988). Contingencies and metacontingencies: Toward a synthesis of behavior analysis and cultural materialism. *The behavior analyst*, 11(2), 161-179. <https://doi.org/10.1007/BF03392470>
- Gomes, C. G. S., Souza, D. das G. de, Silveira, A. D., Rates, A. C., Paiva, G. C. de C., & Castro, N. P. de (2019). Efeitos de intervenção comportamental intensiva realizada por meio da capacitação de cuidadores de crianças com autismo. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 35, e3523. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3523>
- Gomes, C. G. S., Souza, J. F., Nishikawa, C. H., Andrade, P. H. M., Talma, E., & Jardim, D. D. (2022). Capacitação de cuidadores de crianças com autismo em intervenção via SUS. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 24(3). <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPCP14196.en>
- Higbee, T. S., Aporta, A. P., Resende, A., Nogueira, M., Goyos, C., & Pollard, J. S. (2016). Interactive computer training to teach discrete-trial instruction to undergraduates and special educators in Brazil: a replication and extension. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 49(1), 1-14. <https://doi.org/10.1002/jaba.329>
- Instituto Rodrigo Mendes. (2022). Painel de Indicadores da Educação Especial. <https://diversa.org.br/indicadores/>
- Linde, K., & Willich, S. N. (2003). How objective are systematic reviews? Differences between reviews on complementary medicine. *J R Soc Med*, 96(1), 17-22. <https://doi.org/10.1177/014107680309600105>
- Khoury, A. R. (2013). *Treinamento de professores no manejo comportamental de cinco alunos com transtornos do espectro do autismo na condição de inclusão escolar* [Dissertação de mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Adelpha Repositório Digital. <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/22538>
- Macêdo, C. R. S. de, & Nunes, D. R. de P. (2016). Aprendizagem mediada na escolarização de educandos com autismo. *Revista Educação Em Questão*, 54(42), 135-160. <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2016v54n42ID10956>
- Medavarapu, S., Marella, L., Sangem, A., Kariam, R. (2019) Where is the Evidence? A Narrative Literature Review of the Treatment Modalities for Autism Spectrum Disorders. *Cureus*, 11(1), e3901. <http://doi.org/10.7759/cureus.3901>
- Pavezi, M., Benitez, P., & Casagrande, R. de C. (2021). O campo acadêmico da educação especial como ponto de encontro entre universidade e escola. *Olhar De Professor*, 24, 1-18. <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.24.19859.093>
- Rodrigues, V., & Gonçalves, A. G. (2021). Programa computadorizado e alfabetização e abordagem fonovisuoarticulatória para pessoas com deficiência intelectual. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 27, e0232. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0232>
- Schipper, C. M., & Vestena, C. L. B. (2021). Intervenção pedagógica para o desenvolvimento cognitivo e moral de adolescentes com deficiência intelectual em uma escola especial. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 27. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0145>
- Silva, S. C. M. et al. (2021). Recursos tecnológicos e engajamento parental: Estratégias comportamentais para realização de atividades de estimulação com filhos com Transtorno do Espectro do Autismo. *Revista Unisinos. Contextos Clínicos*, 14(2). <https://doi.org/10.4013/ctc.2021.142.05>
- Silvares, E. F. M. (1995). *Psicoterapia Comportamental e Cognitiva: Pesquisa, Prática, Aplicações e Problemas*. Editorial Psy.
- Silvares, E. F. M. (2013). O modelo triádico no contexto de terapia comportamental com famílias. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 11(3), 235-241. <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17256>
- Todorov, J. C., & Moreira, M. (2004). Análise experimental do comportamento e sociedade: Um novo foco de estudo. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 17(1), 25-29.
- Wahdan, M. M., Malak, M. Z., Al-Amer, R., Ayed, A., Russo, S., & Berte, D. Z. (2023). Efeito do incrível programa de anos incríveis do espectro do autismo e atrasos de linguagem (IY-ASD) no estresse e nas habilidades de gerenciamento comportamental entre pais de crianças com transtorno do espectro do autismo na Palestina. *Jornal de Enfermagem Pediátrica*, 72, 45-52

Recebido em: 27/03/2023

Primeira decisão editorial em: 09/04/2024

Aceito em: 08/08/2024